

Resenhas

“Arouca, meu irmão: uma trajetória a favor da saúde coletiva”: um legado também para o campo da saúde ambiental brasileira.¹

“Arouca, my brother: a trajectory in favor of collective health”: a legacy also for the brazilian field of environmental health.

“Arouca, mi hermano: Una trayectoria en favor de la salud colectiva”: Una herencia también para el campo de la salud ambiental brasilera.

Anamaria Testa Tambellini³

O livro “Arouca, meu irmão: uma trajetória a favor da saúde coletiva” é resultado de quatro anos de pesquisas do projeto, Memória e Patrimônio da Saúde Pública no Brasil: a trajetória de Sérgio Arouca, coordenado pela antropóloga Regina Abreu e pelo médico sanitariano Guilherme Franco Netto - um dos organizadores da I Conferência Nacional de Saúde Ambiental.

A pesquisa com recursos do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde e da Unesco para as atividades de pesquisa, foi impresso com recursos da Faperj, Editado pela Editora Contra-Capa e traz além de textos dos coordenadores, aqueles de Regina Abreu, Fabrício Pereira da Silva e Sérgio Lamarão.

Diz Franco Netto sobre a ocasião em que, ainda estudante de Medicina e participante do movimento estudantil secundarista, conheceu Arouca que proferia palestra na UnB intitulada, Saúde e Democracia, durante a 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC): “O evento se tornou um marco pela campanha das liberdades democráticas no meio acadêmico e político”.

Em 1990, após anos de parceria e trabalho colaborativo entre ambos, Franco Netto propôs o projeto do estudo sobre a trajetória de Arouca, que então havia

¹ Esse texto foi baseado na Resenha produzida pelos editores no processo de lançamento do livro.

² Esse texto foi baseado na Resenha produzida pelos editores no processo de lançamento do livro.

³ Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tempus. Actas em Saúde Coletiva, vol. 4, n. 4, p. 158. 2009.

sido eleito deputado federal do Rio de Janeiro pelo PCB com expressiva votação. A idéia hibernou até 2002, quando Arouca enfim a aprovou. Mas a execução do projeto, com a colaboração da antropóloga Regina Abreu e nos moldes de um projeto de pesquisa interinstitucional, só foi iniciada efetivamente em 2004, um ano após a morte de biografado.

O livro trabalha com o material dos depoimentos obtidos em 70 entrevistas gravadas (som e imagem) realizadas com amigos, familiares, companheiros de militância e lutas políticas, colegas do tempo de faculdade e de trabalho nas cidades e locais em que Arouca residiu no Brasil (Ribeirão Preto, Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) e testemunham a trajetória do médico, sanitarista, pesquisador, professor, formulador de políticas e pessoa de grande generosidade que foi Sérgio Arouca.

O material gravado em vídeo, a catalogação de objetos e os resultados de pesquisa produzidos sobre mais de 40 anos de vida pública e de militância em prol de práticas inclusivas e democráticas de medicina social e saúde coletiva terão alguns desdobramentos: a edição de um documentário com o material audiovisual, a disponibilização do acervo na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) para consulta pública e a edição de um site que já está no portal do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UniRio.

UMA TRAJETÓRIA A FAVOR DA SAÚDE COLETIVA

Do nascimento em Ribeirão Preto, São Paulo, onde estudou na unidade da Universidade de São Paulo (USP) daquela cidade, ao falecimento no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 2003, a história da vida de Sergio Arouca narrada neste livro percorre os caminhos deste cidadão brasileiro desde a militância no movimento estudantil, a luta contra a ditadura militar, a escolha da Medicina Preventiva como especialidade, a descoberta da Medicina Social e sua opção crítica por uma Saúde Pública que pudesse incorporar as dimensões científicas avançadas de suas antecessoras e uma visão política, social e ética da saúde as quais ajudaram a conformar o projeto de construção de nossa Saúde Coletiva, sua participação no PCB e depois no PPS, seu papel proeminente na reestruturação da Fiocruz, ao ser elevado à presidência desta instituição, sua breve passagem pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, os dois mandatos como deputado federal pelo Rio de Janeiro e a participação na Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde, que ajudou a criar no primeiro mandato do governo Lula já no final da sua vida.

Tempus. Actas em Saúde Coletiva, vol. 4, n. 4, p. 158. 2009.

O livro contextualiza a história da saúde pública brasileira: a criação dos departamentos de Medicina Preventiva nas universidades; ações no campo da medicina comunitária; a criação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes); a revitalização da Fiocruz enquanto instituição modelar de pesquisa ativamente contribuindo para o processo de redemocratização do país e de construção das instituições democráticas; a criação de unidade com o objetivo de tratar das questões das relações da saúde com trabalho e o ambiente em termos amplos (CESTEH), a modernização das estruturas destinadas à guarda do patrimônio histórico da fundação e aos estudos históricos dos eventos e processos de saúde/doença no país, a reintegração dos cassados, em especial a dos pesquisadores da Fiocruz; a realização, sob sua coordenação, da 8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986, marco fundamental de uma nova era da saúde brasileira, contando com a inédita participação ativa dos usuários e da sociedade civil organizada; a articulação do projeto de medicina coletiva com os movimentos internacionais, especialmente na América Latina, tendo participado do esforço de reconstrução da Nicarágua sandinista, onde viveu por dois anos no fim dos anos setenta e sua contribuição ao desenvolvimento do sistema de saúde cubano e à reforma do ensino médico da Costa Rica nas décadas de setenta e oitenta; a formulação político-jurídica e a implantação do SUS, incluindo desde a luta política democrática e plural no processo de elaboração da nova constituição pela proposição vitoriosa da emenda que garantiu ser a saúde no país, um direito de todos e um dever do Estado, até a proposta de um modelo de gestão participativa com a criação de uma Secretaria para esta finalidade no Ministério da Saúde.

Em uma de suas entrevistas ao PASQUIM Arouca fez o seguinte depoimento:

“Nós fizemos a reforma sanitária que criou o SUS, mas o núcleo dele, desumanizado, medicalizado, está errado. Temos de entrar no coração deste modelo e mudar. Qual o fundamento? Primeiro é a promoção da saúde e não da doença. O SUS tem de, em primeiro lugar, perguntar o que está acontecendo no cotidiano das vidas das pessoas e como eu posso interferir para torná-la mais saudável”. Sergio Arouca, O Pasquim, 21, nº 28, 20 de agosto de 2002.

Como bem apontou o Arouca nessa “auto crítica do SUS”, a construção da referência conceitual da interface entre saúde e ambiente, com o intuito de implementar uma política de saúde para este fim, recoloca na ordem do dia, a necessidade de “aprimoramento” do atual modelo de atenção do SUS.

Tempus. Actas em Saúde Coletiva, vol. 4, n. 4, p. 158. 2009.

No horizonte podemos ver que o SUS tem o desafio de criar frestas por entre o percurso – sociológico e geográfico – que existe entre a vida real das pessoas e a procura aos serviços de saúde. É necessário, e urgente, que seja implementada uma prática de saúde que esteja voltada para os determinantes e condicionantes da saúde, a partir da qual se poderia construir um novo ciclo do SUS. É para esse livro que damos boas vindas no ano de realização da I Conferência Nacional de Saúde Ambiental, organizadas pelos Ministérios da Saúde, Cidade e Meio Ambiente e por seus respectivos Conselhos de controle social.